

MANUSCRITOS DO BRASIL COLONIAL: UMA PROPOSTA DE EDIÇÃO DE DOIS POEMAS DO ACADÊMICO LUÍS CANELO DE NORONHA.

Luís Fernando Campos D'Arcadia, Carlos Eduardo Mendes de Moraes.
Letras - Departamento de Lingüística. Campus de Assis.

Apresenta-se, neste trabalho, o processo de elaboração de uma edição diplomático-crítica, a partir de uma edição mecânica de dois poemas de autoria do acadêmico Luís Canelo de Noronha, escritos para o tema lírico da 8ª conferência da Academia Brasileira dos Esquecidos: "*a um menino que, colhendo flores, picou um áspide e morreu*".

Esta Academia foi fundada na Bahia, em 1724, pelo vice-rei Vasco Fernandes César de Meneses, por ordem do rei D. João V. Este tipo de agremiação, que tinha cunho tanto científico quanto artístico e literário, remonta ao século XV, quando surgiu a *Academia Platônica*, em Florença, financiada pela família Médici (cf. TAVARES, 1974, p.60). No Brasil, a Academia Brasileira dos Esquecidos foi a primeira instituição dessa natureza. Segundo o proposto nas suas "Notícias da Fundação", tinha o objetivo de estudar "a História Brasileira, dividida em quatro partes, a natural (...), a militar (...), a eclesiástica (...) e a política", e, além disso, "em obséquio dos engenhos poéticos", proporia em cada conferência "dois argumentos ou assuntos, um heróico, outro lírico" (CASTELLO, 1969, p.3-4). Como ressalta Alfredo Bosi, esta Academia, e outras que vieram depois dela, foram "o último centro irradiador do barroco literário" e também "o primeiro sinal de uma cultura humanística viva, extraconventual, em nossa sociedade" (BOSI, 1970, p.53).

O acadêmico Luís Canelo de Noronha tem biografia controversa (cf. UBIALI, 1995, v.2, p. 4-12). Algumas fontes o indicam como nascido em Vila Nova, divergindo sobre sua nacionalidade, já que existiram localidades com esse nome tanto em Portugal como no Brasil; outras fontes o dão como natural de Penedo, no Estado da Bahia. Sabe-se que foi capitão de uma companhia de ordenanças de estudantes jesuítas e proprietário de uma sesmaria no Jequericá. Outras fontes, ainda, indicam que estudou Filosofia e Teologia e foi excelente latinista.

Para a Academia, escreveu tanto poemas em latim quanto em português. Em vernáculo produziu, sobretudo, sonetos e décimas. Os dois poemas que nos propusemos a aqui editar são um soneto e uma décima. O primeiro, um *soneto de cabo roto*, forma poemática que, como escreve Chociay (1993, p.88), eliminando as sílabas postônicas finais, causa um "forte efeito de surpresa e estranheza, que descamba para o burlesco". Luís Canelo de Noronha, com efeito, designa o poema de 'soneto joco-sério', no qual um conteúdo patético tenta encaixar-se numa forma tradicionalmente satírica. O segundo poema é uma décima, mais precisamente uma 'décima espinela', a qual possui este nome por ter sua invenção atribuída ao poeta espanhol Vicente Espinel, no século XVI. Ela é definida por Chociay (1993, p.68) como aquela estrofe que "resulta da articulação de duas redondilhas *abba-cddc*, enlaçadas por dois versos, o primeiro dos quais rima com o último da primeira quadra (a) e o segundo com o primeiro da segunda quadra (c)". Este sistema estrófico foi muitíssimo utilizado no período barroco e se presta a qualquer conteúdo.

Ambos os poemas de circunstância são exemplos do gosto tipicamente barroco por um "virtuosismo na elocução" (BOSI, 1970, p.54), onde o assunto, como bem colocou Hênio Tavares (1974, p.61) "ensejavam tão somente à habilidade versificatória ou mero jogo de palavras". Como exemplo, basta a leitura da décima, construída toda sobre paralelismos de som e sentido em trechos como "(...) fostes nas flores picado/ não picando inda na flor (...)" ou "(...) vendo esse esplendores/ picantes, a ser deidade,/ pica-vos na flor da idade (...)". Esta temática, entretanto, entre os acadêmicos esquecidos, tinha a função de complementar o lado histórico da Academia, propiciando momentos de combinação entre o lazer do salão de recitação e o exercício de erudição, pois, no caso deste tema dado, como em muitos outros, a proposta é de retomada de assuntos tratados quer na mitologia, quer em clássicos greco-romanos.

Quanto à edição mecânica, as fotocópias dos mss. Da Academia Brasileira dos Esquecidos encontram-se arquivadas no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RJ), com cópias fotográficas no Instituto de Estudos Brasileiros (USP).

Para a transcrição, seguimos o que ensina Leodegário A. de Azevedo Filho (1987, p.30), realizando uma edição diplomática "que, por meios tipográficos, reproduz exatamente a lição do manuscrito". Transcrevemos o texto manuscrito, com a didascália em fonte tamanho 14, e a legenda

que indica a forma poemática e o corpo dos poemas em tamanho 12. Encontra-se aqui um problema: no último terceto do soneto há duas correções, atribuídas ao Secretário da Academia, José da Cunha Cardoso provavelmente feitas com a anuência de Luís Canelo de Noronha (cf. MORAIS, p.241); neste momento procurar-se-á ser fiel ao manuscrito, transcrevendo a parte riscada em modo tachado e sobre ela a suposta correção em itálico, tamanho 10. Apresenta-se, a seguir, a transcrição:

**A hu Menino que [...] colhendo flores
picou hum Aspide, emorreu.**

Soneto joco serio

Para que colhe flores meu meni-
Neste Campo oujardim ou nesse pra-
Selhehade suceder hua desgra-
Demorderlhe namão hum cruel bi-?
[Se vosse] hê hum Menino pequeni-
Não lheestava melhor papar pa-?
Sequer flores,não basta a sua gra-?
Para graça não sobra oser boni-?
Mais sepois hê pensão adesventu-
Dequem nasce gentil,que quer ago-?
Pague àmorte,meu bello, oseu tribu-;
Nesse canto
~~Que asexequias~~ porem emquanto cho-
Namorada assim minha triste Mu-
asexequias
~~Este canto~~ lhefas poreste mo-

Meu Menino, emeu Amor,
pois eras qual Deus vendado,
fostes nasflores picado
não picando inda na flor;
emulativo rigor
foi desse Deus dosamores
que vendo esses esplendores
picantes aser Deidade
picàvos naflor daidade
pordarvos morte deflores.

Na atualização do soneto, seguiremos o modelo de edição 'diplomático-crítica', definida por Azevedo Filho (1987, p. 30) como aquela que "introduz um sistema de convenções para a leitura de um poema"; trata-se de uma edição crítica a qual, por cuidar de um *codex unicus*, dispensa etapas complexas, como a *collatio* ou a elaboração de um *stemma codicum*.

Descreveremos agora as convenções da qual nos utilizamos para a elaboração da edição diplomático-crítica. Para a transcrição do soneto, segue-se a lição do manuscrito ao manter-se um recuo para a esquerda do primeiro verso de cada estrofe. Aqui se mantém, também de acordo com o manuscrito, a primeira palavra do verso com inicial maiúscula. O 'cabo roto' do soneto foi indicado por hífen, de acordo com a lição do manuscrito, e também como o usual na transcrição dessa forma poemática. Quanto ao problema da correção feita pelo Secretário, procuraremos estar o mais próximo possível de um *codex optimus*, ignorando, portanto, a correção e transcrevendo a lição saída da pena de Luís Canelo de Noronha. Para a edição do segundo poema, uma 'décima espinela', grafa-se, em obediência ao manuscrito, a primeira palavra de cada verso (exceto a do primeiro) com inicial minúscula, e todos os versos com o mesmo alinhamento.

Enumerar-se-ão, a seguir, mais alguns critérios que utilizamos para a atualização:

- adequação das palavras ao sistema ortográfico atual;
- adequação ao sistema atual de pontuação;
- separação de vocábulos aglomerados;
- adequação ao sistema de acentuação atual;

- uso de hífen para ligar pronomes átonos a verbos;
 - supressão do 'h' em 'hê' e 'hum'.
- Transcrevemos agora os poemas atualizados segundo critérios indicados:

**A um menino que, [...] colhendo flores,
picou um áspide e morreu.**

Soneto joco-sério

Para que colhe flores meu meni-
Neste campo ou jardim ou nesse pra-
Se lhe há de suceder u'a desgra-
De morder-lhe na mão um cruel bi-?

Se você é um menino pequeni-
Não lhe estava melhor papar pa-?
Se quer flores, não basta a sua gra-?
Para graça não sobra o ser boni-?

Mais se pois é pensão a desventu-
De quem nasce gentil, que quer ago-?
Pague à morte, meu belo, o seu tribu-;

Que as exéquias porém enquanto cho-
Namorada assim minha triste Mu-
Este canto lhe faz por este mo-.

Décima

Meu menino, e meu Amor,
pois eras qual Deus vendado,
fostes nas flores picado
não picando inda na flor;
emulativo rigor
foi desse deus dos amores
que, vendo esses esplendores
picantes, a ser deidade,
pica-vos na flor da idade
por dar-vos morte de flores.

Por fim, no painel serão também apresentadas notas de rodapé, à guisa de aparato crítico, que serão responsáveis pelo confronto entre as edições diplomática e diplomático-crítica, explicitando a aplicação dos critérios de atualização.

Referências Bibliográficas:

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.

CASTELLO, J. A. *O movimento academicista no Brasil*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1969.

CHOCIAIY, R. *Os metros do Boca: teoria do verso em Gregório de Matos*. São Paulo: UNESP, 1993.

FILHO, L.A.A. *Iniciação à Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

MORAIS, C. E. M. *Duas caligrafias, um autor: Vários autores, uma caligrafia corrigenda*. In: *Gênese e Memória: IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições*. São Paulo: Annablume, 1995.

TAVARES, Hênio. *Teoria Literária*. 5a. ed. revista e atualizada. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

UBIALI, N. A. *Luís Canelo de Noronha, poeta novilatino, no contexto da Academia Brasileira dos Esquecidos*. Assis, 1995.

Bolsa: FAPESP.